

JORNADAS EUROPEIAS DO PATRIMÓNIO 2016 COMUNIDADES E CULTURAS

“AMIGOS UNIDOS DE CABANAS” - A COMUNIDADE PISCATÓRIA E A CONSTRUÇÃO DO BAIRRO S.A.A.L. NO PÓS-25 DE ABRIL (Folheto de apoio)

Távira

O tema adotado em 2016 pelo Conselho da Europa para as Jornadas é “Comunidades e Culturas” e tem como objetivo destacar as múltiplas formas de comunidade empenhadas no conhecimento, proteção, desenvolvimento e organização dos seus próprios ambientes culturais.

Em foco estará o Bairro S.A.A.L. de Cabanas, uma das expressões locais de um programa de promoção habitacional criado no rescaldo do 25 de Abril. O S.A.A.L.- Serviço de Apoio Ambulatório Local, que vigorou entre 1974 e 1976, é hoje considerado como um momento essencial na história da arquitetura portuguesa do século XX, pressupondo a resolução de carências básicas de uma franja da população portuguesa, contribuindo para a construção de habitação própria num espírito de participação sem antecedentes. “Eram mulheres e crianças cada um c'o seu tijolo” - letra da canção de José Afonso, “Os Índios da Meia-Praia”, que conta a história da construção de um dos bairros S.A.A.L. em Lagos, ecoa nos relatos dos moradores dos “Amigos Unidos de Cabanas”. Aqui as histórias da construção do bairro fundem-se ainda com as vivências do mar e das marés de uma comunidade maioritariamente piscatória.



24 de setembro de 2016 (Sábado), 10h30
Local: Cabanas de Tavira, bairro “Amigos Unidos de Cabanas”
Orientação: Manuela Basílio e Noélia Restani
Apoio: Associação de Moradores “Amigos Unidos de Cabanas”,
Junta de Freguesia de Conceição e Cabanas de Tavira,



Manifestação em Lisboa, 1976 (imagem gentilmente cedida por Aurélia Mártires, moradora no bairro).

O 25 de abril e a promoção habitacional

Derrubado o Estado Novo foram reconhecidos direitos que, até então, tinham sido negligenciados, entre eles, o direito à habitação, que viria a constituir um dos assuntos prementes do novo regime democrático. Nessa época, Portugal tinha uma das menores taxas de cobertura de eletricidade, água canalizada e esgotos, e à volta das principais cidades observava-se um mar de barracas sem condições básicas e dignas de existência. Os problemas de carência e da precariedade da habitação viriam, ainda, a ser agravados com a chegada em massa dos habitantes das ex-colónias.

O apoio público ao setor da habitação alarga-se nos dois ou três anos que se seguiram ao 25 de abril de 1974, perante a desorganização dos grandes grupos económicos e a crescente reivindicação das populações, reclamando as liberdades tanto tempo recalçadas.

O Estado encara o problema do alojamento através da adoção de várias medidas, sendo de destacar a experiência do S.A.A.L em termos de apoio às populações pior alojadas.

S.A.A.L. O que significa?

S.A.A.L., Serviço de Apoio Ambulatório Local, foi um programa de promoção habitacional criado no rescaldo do 25 de Abril.



José Luís do Carmo Pereira, pescador, primeiro presidente da Associação de Moradores Amigos Unidos de Cabanas (1951-2003).

Nuno Portas, Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo do 3.º e 4.º Governos Provisórios foi o mentor do serviço, valendo-se do conhecimento que tinha da realidade do país. Criado com o intuito de dar apoio às populações que se encontravam alojadas em situações precárias, o S.A.A.L. surgiu como um serviço descentralizado que, através do suporte projetual e técnico dado pelas brigadas que atuavam nos bairros degradados, foi construindo novas casas e novas infraestruturas, oferecendo melhores condições habitacionais.

O despacho ministerial que permitiu o desenvolvimento das ações no âmbito do SAAL vigorou durante um curto período, entre julho de 1974 e agosto de 1976. Referia que o Serviço se destinava a “(...) apoiar, através das Câmaras Municipais, as iniciativas de populações mal alojadas no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros(...)” e também que os trabalhos de infraestrutura viária e sanitária, “que constituem a base essencial das operações” deveriam ser custeados pelas autarquias, assim como a “disponibilidade de terrenos para a urbanização (...)”.

Igualmente se esclarecia «que a principal justificação desta política está na apropriação de locais valiosos pelas camadas populares neles radicados sob forma marginal». Determinava ainda que o Fundo de Fomento à Habitação, «através do SAAL, estabelecerá os acordos necessários com as Câmaras que o solicitem para o fornecimento dos projetistas, monitores e fiscais técnicos exigidos pelas operações.»

Com o apoio de equipas técnicas S.A.A.L. que se criaram para este efeito, organizaram-se associações de moradores por todo o País. Elaboraram e aprovaram os respetivos estatutos e legalizaram-se por escrituras públicas, com publicação em *Diário da República*.

Foi assim dado início aos projetos e às obras de construção de milhares de habitações em centenas de bairros. Cumpria-se um dos objetivos com que o 25 de Abril respondia à democratização da sociedade portuguesa e a um dos maiores problemas nacionais – a carência de habitação.

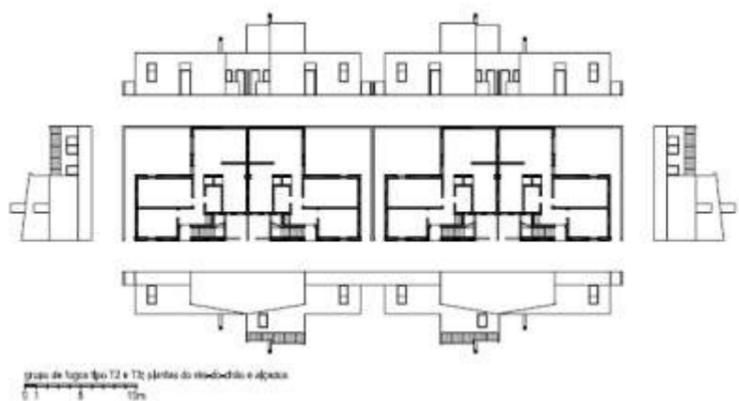


O S.A.A.L. no Algarve

No Algarve, em resposta às necessidades e solicitações de moradores, constituíram-se equipas técnicas S.A.A.L. em Lagos, Loulé, Olhão e Tavira. Estas equipas trabalharam para as 21 associações de moradores do Algarve, então criadas desde Aljezur a Vila Real de Santo António.

Os nomes de algumas destas associações de moradores são simbólicos do clima pós-revolucionário da época. A título de exemplo: *Associação de Moradores O Povo Vencerá* (Aljezur), *Associação de Moradores Unidade* (Vila do Bispo), *Associação de Moradores Liberdade* (Espiche), *Associação de Moradores Bairro Vermelho* (Enxerim, Silves), *Associação de Moradores 1.º de Maio* (Tavira), *Associação de Moradores Povo Unido* (Monte Gordo).

Em Tavira a equipa técnica era constituída por João Moitinho, arquiteto; João Brito, engenheiro; José António Menezes, engenheiro; António Chaves Ramos, engenheiro; Mateus Cruz Azevedo, engenheiro; Leonel Fadigas, arquiteto; José Carlos Carvalho, arquiteto estagiário; Artur Sequeira, desenhador; Ho Kai Hi, desenhador; e Álvaro Soares da Torre. A equipa administrativa integrava Rita Vilela Bastos, Ana Ferrão Lopes, José António Gravata Rodrigues, António Luís Saraiva. Foi esta equipa responsável pelo apoio às *Associações de Moradores 1.º de Maio* (Tavira), *Amigos Unidos de Cabanas* (Cabanas, Tavira) e *Povo Unido* (Monte Gordo, Vila Real de Santo António).



Plantas do rés-do-chão e alçados do bairro "Amigos Unidos de Cabanas". (imagem retirada do livro *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974* do arquiteto José António Bandeirinha (2007:342)).



Convívio na Casa da Barca, em Cabanas, espaço de trabalho da equipa técnica do SAAL. Parte da equipa também residia neste edifício, nomeadamente o arquiteto João Moitinho, o coordenador, que tinha vindo da capital para integrar o projeto. Da esquerda para a direita: elemento da brigada técnica não identificado, Joaquim "Muxama", Jacinto Pereira e Jorge Montes (criança). A foto é propriedade de Vitorina Andrade.



Vitorina Andrade, moradora no bairro, desenha uma cabana de pescador onde residiu até aos dezassete anos.

Fontes: Observação/entrevistas com moradores do bairro; bibliografia

- BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2007;

- FIGUEIREDO, Rute, *Bairro Amigos Unidos de Cabanas / Bairro SAAL de Cabanas*, (Ficha SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, Direção-Geral do Património Cultural). Disponível em: <http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=29550>. Consultado a 21 de setembro de 2016;

- FREIRE, José Manuel, e VELOSO, José, "O SAAL no Algarve e os Índios da Meia Praia", in *Poder Local – Revista de Administração Democrática*, 11 de Julho de 2016. Disponível em: <<http://www.revistapoderlocal.pt/index.php/e-revista/estudos/54-urbanismo-e-edificabilidade/310-o-saal-no-algarve-e-os-indios-da-meia-praia-1>>. Consultado a 21 de setembro de 2016;

- PORTAS, Nuno, "O Processo SAAL: Entre o Estado e o Poder Local", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 18, 19 e 20, fevereiro de 1986, pp. 635-644.

****Folheto elaborado por Daniel Santana e Luisa Ricardo (Município de Tavira), setembro de 2016 || Imagens: © Município de Tavira (excetuando aquelas cujas propriedade está indicada na legenda da imagem)

AGRADECIMENTOS: moradores do bairro *Amigos Unidos de Cabanas* e corpos gerentes da *Associação de Moradores* - José Valentim, Maria José Figueira, Helder Conrado, Diamantino Costa, Ana Paula Bagarrao, Maria Leonete Conrado, José Mendonça Bagarrao e Maria Deolinda Maie, Lina Maria Santos, Manuel Rodrigues Encarnação, Idalina da Conceição Pereira, Manuel Bernardo Pires, Cristina Mestre, Teresa Guerreiro, Maria de Fátima Andrade, Floripes Afonso, Elvino Matias, Ma Manuela Calhau Basílio, Herculano Montes e Vitorina Andrade, Jacinto Pereira, José Manuel Sares e Teresa Sares, Lídia Pereira, Jorge Domingos Bernardo, Ana Teresa Graça, Vivaldina Serafim, Liliana Silva e Noélia Restani. eng. António Chaves Ramos (brigada técnica do SAAL- Tavira) e arquitetos José António Bandeirinha e Luis Paulo Sousa, pela informação disponibilizada.

O Bairro S.A.A.L. Amigos Unidos de Cabanas (Cabanas, Tavira)

Projetado para a comunidade, predominantemente, piscatória e mariscadora de Cabanas, esta operação SAAL, embora relativamente tardia, cedo começou a ganhar forma de obra construída.

Pouco tempo após a constituição da Associação de Moradores Amigos Unidos de Cabanas, a 13 de outubro de 1975, dá-se o início formal do trabalho da brigada técnica (novembro de 1975), bem como das obras de construção do bairro, em fevereiro de 1976. Para o efeito, algumas parcelas de terreno receberam "declaração de utilidade pública" e foram adquiridas pela Câmara de Tavira, com a comparticipação do Fundo de Fomento de Habitação.

O bairro é constituído por 24 fogos, de tipo T2 e T3, distribuídos por 8 blocos habitacionais construídos num curto período de tempo, com apoio dos próprios moradores.

Mapa do bairro "Amigos Unidos de Cabanas" e arruamentos: Rua Amigos Unidos do Bairro SAAL, Rua das Areias, Rua dos Búzios, Rua das Almadravas e Rua José Luís do Carmo Pereira [o primeiro presidente da Associação de Moradores].



"Eram mulheres e crianças cada um c'o seu tijolo"

A letra da canção de José Afonso, "Os Índios da Meia-Praia", que conta a história da construção de um dos bairros S.A.A.L. em Lagos, ecoa nos relatos dos moradores dos "Amigos Unidos de Cabanas". Aqui as histórias da construção do bairro fundem-se ainda com as vivências do mar e das marés de uma comunidade maioritariamente piscatória.

Dos relatos ouvidos sobre esta época fica a memória de "tempos duros". Algumas das famílias que vieram morar para o bairro, viviam em casas situadas na zona da baixa-mar (junto à Ria), onde ocasionalmente havia inundações. As condições de habitação eram más - grandes agregados familiares viviam em áreas exíguas, sem as infraestruturas básicas, sem espaço para a intimidade. Há ainda pessoas com memórias de viver em cabanas - as construções efémeras que dão nome à terra- "muito remendadas com *barrão* [nome local dado a uma espécie de junco] [...] onde dormiam cobertos de oleados para se abrigarem da chuva em dias de tempestade". Eram os tempos em que se trabalhava muito para se conseguir matar a fome. Apanhava-se conquilha, berbigão, murraça (alimento para os animais),... tudo o que se conseguia jogar a mão, que, juntamente com peixe seco, se vendia ou trocava pelos "produtos da serra" - batata, repolho, feijão, milho, entre outro hortícolas.

A primeira casa a ser construída foi um armazém, a atual sede da Associação de Moradores, onde puseram moedas nos alicerces- uns tostões, para dar sorte. No entanto, segundo os relatos, o financiamento não chegou para tudo. As pessoas foram fazendo os acabamentos- chão, azulejos,... compondo aqui, acrescentando ali. Nos alicerces dos "Amigos Unidos de Cabanas" para além de moedas está depositado muito esforço, brio e também a esperança de uma vida melhor.